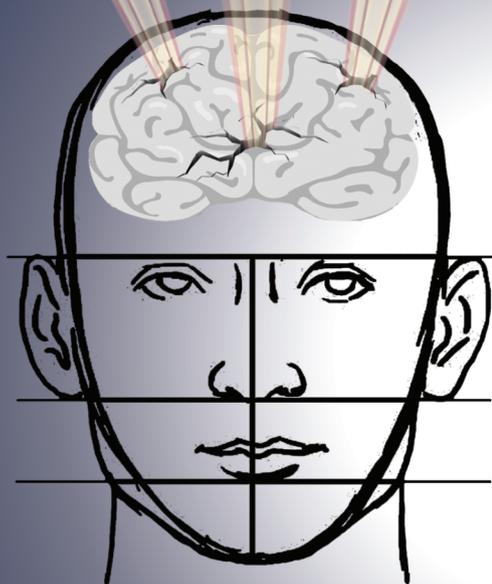


Eduardo Anton

INESPERADO

Uma oportunidade
de superação e
aprendizado



1ª Edição Revisada

PREFÁCIO

(Por Carlos Eduardo Rodrigues Bortolot)

Este livro não foi escrito com o objetivo de simplesmente narrar uma história incrível, um caso raro na história da medicina, considerado pelos próprios profissionais de saúde como um verdadeiro milagre.

Ao escrevê-lo, o autor quis também oferecer um alívio para a angústia das pessoas que se defrontam com uma mudança brusca em sua vida (ou de familiares/amigos), de modo que consigam entender que aquilo que parece ser uma grande injustiça pode ser, na verdade, uma bênção de Deus.

O livro conta a história do jovem executivo Eduardo, que, a exemplo do que ocorre diariamente com milhares de pessoas ao redor do mundo, viu sua vida mudar para sempre em razão de um acidente ou uma doença.

O caso do autor chama a atenção pela brutalidade e é um retrato da violência que, lamentavelmente, chegou até mesmo às pacatas cidades do interior do Brasil. Eduardo levou três tiros na cabeça, além de um outro no abdômen, todos

potencialmente fatais. E Eduardo sobreviveu, mesmo tendo adquirido sequelas neurológicas permanentes.

Demorou um bom tempo até que ele aceitasse as sequelas. O autor narra com detalhes desde o momento dos tiros, o coma, o quadro clínico e o processo de reabilitação, passando pelas fases de negação, frustração e depressão. A ajuda de profissionais, aliada à força de vontade de Eduardo, foi fundamental para sua superação física e emocional.

Devido às sequelas, a competência e a vivacidade anteriores como executivo de uma empresa familiar de médio porte foram perdidas. Mas ele não aceitou ser considerado uma pessoa inválida. Mesmo podendo se aposentar por invalidez, escolheu voltar ao mundo profissional, não mais como administrador de empresas. No processo de reabilitação, descobriu em si talentos e habilidades especiais, aliados a um novo propósito de vida: agradecer a Deus ajudando as pessoas. Foi assim que encontrou a realização pessoal e profissional sendo Coach.

O inesperado mudou radicalmente a vida do autor, mas, analisando com a distância do tempo, ele tem consciência de que mudou para melhor.

Eduardo, hoje, é uma pessoa grata a Deus por coisas extremamente simples que, para a maioria das pessoas, passam despercebidas.

Transformar uma maldade sofrida em muitas bondades passou a ser o seu lema.

INTRODUÇÃO

Para contextualizar o ponto de partida deste livro - a tentativa de assassinato da qual fui vítima - são necessárias algumas explicações, para que o leitor compreenda melhor algumas passagens da história.

Nasci em Santa Cruz do Sul (RS) e sou o filho mais velho de três irmãos, do casal Cléa e Claudério Anton.

O meu pai, em 1988, fundou uma transportadora de cargas em Campo Grande (MS). Ao completar 12 anos, comecei a trabalhar informalmente no negócio familiar. De início como office-boy e, depois, nos mais variados cargos.

Cursei Administração de Empresas pela UFMS e casei com Ana Carolina, a Carol, em 2005.

Em 2007, transferei-me com a esposa e a filha mais velha de Campo Grande para São Francisco do Sul (SC), a fim de administrar uma empresa do grupo familiar.

Os negócios iam muito bem. Ao que tudo indicava, meus pais iriam realizar o sonho de ter uma aposentadoria tranquila, depois de anos de trabalho duro, pois meu irmão Rafael e eu

já estávamos administrando praticamente sozinhos a empresa – eu na parte administrativa e financeira e ele na operacional. Meus pais continuavam residindo em Campo Grande, mas, periodicamente, passavam alguns dias em São Francisco do Sul, supervisionando os negócios.

Em 2013, eu tinha vários projetos em andamento, como a construção da nossa casa, dois novos negócios dos quais eu seria o diretor executivo, e o nascimento do João, nosso primeiro menino, depois de duas meninas.

Em toda minha vida, eu nunca havia me desentendido com ninguém, por isso não tinha a mínima desconfiança de que alguém poderia querer me ver morto.

Sem ter recebido qualquer ameaça, sofri, inesperadamente, um atentado a tiros, sendo alvejado na cabeça e no abdômen.

As investigações não produziram nenhuma prova forte o suficiente para pedir a prisão dos suspeitos. Por esse motivo, não entro em detalhes sobre os motivos, limitando-me a informar que, segundo apontaram as investigações policiais, a motivação do crime foi comercial.

No primeiro capítulo, narro toda a ação, desde o momento que saio do carro e, imediatamente, sou atacado, incluindo os pensamentos que tive enquanto era baleado e socorrido, até a chegada ao hospital, onde recebi os primeiros socorros, pois, incrivelmente, mantive-me consciente até ser sedado no hospital.

Nos demais capítulos, relato a minha experiência durante os 12 dias de coma e, depois do despertar, o processo de

reabilitação física, psicológica e neurológica, como minha família e eu nos adaptamos à nova vida que se descortinou após aquele dia que, embora trágico, também foi feliz, pois Deus permitiu que eu resistisse, concedendo-me a oportunidade de viver.

O texto é entremeado de relatos colhidos pelo jornalista Carlos Eduardo Rodrigues Bortolot, responsável pelas entrevistas aos profissionais que me atenderam na emergência e reabilitação.

O livro expõe, sem floreios, o abalo psicológico de toda família, incluindo o grave processo depressivo pelo qual passei, a superação e as lições que todos tiramos do episódio.

Capítulo I

O ATENTADO

Era o início da noite de segunda-feira, 25 de março de 2013, quando saí do escritório da empresa da família, em São Francisco do Sul (SC), onde eu desempenhava as funções de diretor administrativo, financeiro e operacional. Meus pais, fundadores da empresa, moravam em Campo Grande (MS), de onde administravam outras empresas do grupo, mas estavam em São Francisco, como de costume, hospedados na casa do meu irmão Rafael, responsável pela nossa frota de caminhões.

Eu precisava trabalhar até mais tarde para fechar alguns relatórios que ainda não havia concluído, por isso pedi aos meus pais que pegassem minhas filhas na escola. Assim poderiam passar um tempo com elas e, quando eu saísse da empresa, iria buscá-las, aproveitando para tomar um chimarrão no final da tarde, tradição da cultura do Rio Grande do Sul, nossa terra natal.

Às 19:45 h estacionei o carro em frente à casa do meu irmão, do outro lado da rua. Saí do carro, virei-me e fechei a

porta. Quando me voltei para a casa, para atravessar a rua, deparei-me com uma moto ocupada por duas pessoas.

Inicialmente, a impressão que tive era é de estar assistindo ao desenrolar de cenas sem sentido, porque totalmente absurdas e inesperadas. A pessoa que estava de carona na moto apontou uma arma para mim e disparou à queima-roupa. Senti a bala penetrando meu abdômen, pouco acima da cintura. A dor que senti era plenamente suportável, parecendo-me um forte ferrão de abelha.

Incrivelmente, eu permanecia em pé, sem esboçar reação alguma. Os pensamentos passaram em minha mente na velocidade de um relâmpago, enquanto pensava comigo mesmo.

Perguntava-me: “Estão atirando em mim? Mas por quê? Eu não tenho amante, não dou em cima da mulher de ninguém, não tenho inimigos... Por que atiram em mim?!”

Ao pensar em gritar socorro, lembrei-me de ter visto, certa vez, em um filme ou programa de televisão, que, em situação de emergência, deve-se gritar, ao invés de socorro, “fogo”, pois a chance de uma pessoa olhar pela janela seria maior do que se escutasse um grito de “socorro”.

Não sei quanto tempo se passou, mas não tive tempo de gritar nem socorro, nem fogo... O atirador já havia caminhado até mim. Ao chegar bem próximo, pousou o cano quente do revólver poucos centímetros acima da minha sobrançelha esquerda e, sem demora, puxou o gatilho. Provavelmente, por que eu continuava em pé, foi para trás de mim e disparou mais dois tiros, na região da nuca, na base do crânio, de baixo para cima.

Seria cômico se não fosse trágico, mas eu continuava consciente e lembro-me de, nesse momento, sabendo que havia sido atingido na cabeça, ter pensado: “Meu Deus, vou morrer como o John Kennedy!”, ao mesmo tempo via em pensamento a cena macabra da Jackie Kennedy tentando juntar as partes do cérebro do marido sobre a lataria do carro...

Finalmente, tive um pensamento instintivo: “atire-se ao chão!” Joguei-me no chão, caindo sobre meu braço esquerdo. No meu campo de visão, via a casa do vizinho do meu irmão. Olhei-a enquanto pensava: “Meu Deus, quanta fisioterapia terei que fazer para ficar bom?”. Pensava comigo que seriam umas 300, 350 ou 400 sessões.

Esse pensamento é um retrato da minha calma naquele momento e da certeza subconsciente de que iria sobreviver, tendo que passar por um longo processo de reabilitação. Eu nunca havia feito sessão de fisioterapia, nem conhecia fisioterapeuta algum. Por um segundo, senti medo de ser atropelado por algum carro que entrasse ligeiro na rua e não me visse caído.

Todas essas cenas parecem ter se desenrolado tão rapidamente que não tenho a noção de quanto tempo levou até escutar meu pai, que se aproximava correndo e gritando, enquanto os pistoleiros fugiam na moto, descendo a toda velocidade, a pequena ladeira da rua.

Logo, meu pai estava ao meu lado, junto com meu irmão, que vestia apenas uma toalha enrolada na cintura. Meu pai deixou-me com meu irmão e foi pegar o carro para me levar ao hospital. Enquanto isso, esperávamos sentados, lado a lado, no meio-fio.

Eu estava muito tranquilo. Nunca havia experimentado sensação de tamanha paz como naquele momento. Tinha plena ciência da gravidade dos ferimentos, mas também a certeza de que iria sobreviver.

A minha única preocupação era com a minha esposa, Carol, grávida de 5 meses do nosso terceiro filho, e com minhas filhas. Como elas iriam reagir à notícia de que eu havia sido baleado? Eu ainda não sabia, mas minhas filhas, na época com 4 e 7 anos, haviam assistido a toda a cena.

Tive medo de que minha esposa ficasse nervosa a ponto de perder o bebê. Também pensava nas minhas duas filhas, que estavam ali na casa do meu irmão e ficariam preocupadas comigo. Por esse motivo, falei repetidamente para o meu irmão que estava bem, que ele se tranquilizasse e cuidasse da minha esposa e das minhas pequenas.

Quando estacionei o carro em frente à casa do meu irmão, meus pais estavam na sala de estar com as minhas filhas. Daquele ponto era fácil enxergar a rua, pois havia uma grande porta e janela de vidro. Ao escutar o habitual toque da buzina do meu carro, anunciando a minha chegada, meu pai foi pegar o controle remoto do portão, dirigindo-se, em seguida, para a frente da casa, para abrir o portão e me receber.

Durante o trajeto, porém, escutou o primeiro tiro. Ao chegar à frente de casa, viu, talvez, a cena mais dolorosa de toda sua vida: uma pessoa encostar uma arma na frente do seu filho e puxar o gatilho. Sem ação, ainda viu o atirador desferir mais dois tiros na minha nuca.

Quando conseguiu sair da paralisia, que durou alguns segundos, mas que lhe pareceram longas horas, correu

gritando em minha direção, enquanto os bandidos fugiam a toda velocidade ladeira abaixo.

Em poucos segundos meu pai já parava o carro à nossa frente. Entramos e, em menos de um minuto, chegamos ao hospital, que ficava apenas 200m da casa. Bastava descer a rua e dobrar a esquina.

No momento do atentado, minha mãe ficara na sala com as crianças, assistindo, sem ação, àquela cena. As meninas, que viram tudo, mas não compreenderam o que se passou, criaram uma historinha para explicar o motivo por que o pai caíra no chão: a moto teria deixado vaziar combustível e, então eu teria pisado naquele líquido, escorregado e caído, machucando a cabeça, por isso fui levado ao hospital.

Para que elas deixassem os adultos livres, a fim de tomarem as providências emergenciais, foram levadas para a residência de um casal de amigos. Isso foi providencial, pois elas se distraíram e não deram tanta importância ao que havia acontecido com o pai. Já a minha esposa recebeu um telefonema da minha mãe. Esforçando-se para aparentar calma em sua voz, mamãe comunicou-lhe que eu havia sofrido um acidente e que fora levado ao hospital.

Em seguida, minha mãe pediu para a vizinha, também nossa conhecida, que fosse buscá-la. A vizinha, assim que avistou minha esposa, nervosa com a situação e sem saber como dar a notícia, disse-lhe de supetão que eu havia sido baleado.

Foi um choque para minha esposa, que se encheu de angústias e perguntas. As duas foram direto para o hospital e chegaram no exato momento em que eu era colocado na

ambulância. Minha esposa ainda implorou para ir junto, mas foi impedida.

É interessante como consigo narrar tudo o que aconteceu sem que isso me traga sentimentos ou lembranças ruins. Sinto-me verdadeiramente à vontade em narrar esses acontecimentos. Não há melhor prova, acima do livre arbítrio das pessoas que pretendem fazer o mal está a Vontade Soberana de Deus, que tem todo o Poder. Tenho a convicção de que, naquele momento, Ele permitiu que eu fosse ferido, mas não permitiu que eu perdesse a vida.

Creio que, seja pelo sentimento de gratidão a Deus, nunca senti a mínima raiva de quem planejou e executou esse crime. Prefiro seguir os ensinamentos de Jesus, amando-os, pois são irmãos que ainda não perceberam o quanto fazer o bem aos outros é a verdadeira água viva, ofertada por Ele (João 4: 13-14).

Gostou da leitura?

Edu Anton



Adquira o seu livro e ganhe **20%** de desconto utilizando o cupom **EBOOK20**
www.eduanton.com.br

Compre seu exemplar físico e ajude uma causa social!

Confira aqui algumas doações:



<http://eduardoanton.com.br/>

Contatos: (47) 99175-9363 | eduardo@eduanton.com.br | palestras@eduardoanton.com.br